

NORDESTINOS EM BRUSQUE/SC: ESTIGMA E PRECONCEITO NA TRAJETÓRIA DE NOVOS MIGRANTES

NORTHEASTERNERS IN BRUSQUE/SC: STIGMA AND PREJUDICE IN THE TRAJECTORY OF NEW MIGRANTS

NORESTES EN BRUSQUE/SC: ESTIGMA Y PREJUICIO EN LA TRAYECTORIA DE LOS NUEVOS MIGRANTES



10.56238/sevened2026.001-008

Tafarel Cassaniga

Doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (UDESC)
Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Endereço: Santa Catarina, Brasil
E-mail: tafa.cassaniga@hotmail.com

RESUMO

Desde meados do século XX, os fluxos migratórios nordestinos em direção ao Centro-Sul do Brasil consolidaram-se como um fenômeno estruturante da dinâmica demográfica nacional, tendo São Paulo como destino histórico. Contudo, o início do século XXI revela uma redistribuição espacial desses fluxos, impulsionando a presença nordestina em novas frentes, como o estado de Santa Catarina. O presente artigo analisa as características dessa migração e seus impactos no cotidiano das cidades de acolhimento, tomando como objeto de estudo o município de Brusque/SC. A metodologia fundamentou-se em uma pesquisa etnográfica, utilizando entrevistas e histórias de vida de migrantes e moradores nativos. Os resultados indicam que a inserção de nordestinos em Brusque é marcada por tensões socioculturais e processos de estigmatização, manifestos no uso do rótulo "baiano" como uma categoria de inferioridade. Conclui-se que o preconceito e a discriminação racial operam como mecanismos de defesa de uma identidade local idealizada em torno da branquitude e da herança germânica do século XIX, invisibilizando a contribuição dos novos migrantes e dificultando o diálogo intercultural no território.

Palavras-chave: Migração Interna. Nordestinos. Brusque/SC. Identidade. Preconceito.

ABSTRACT

Since the mid-20th century, northeastern migratory flows toward South-Central Brazil have been a structural phenomenon of national demographic dynamics, with São Paulo as the historical destination. However, the beginning of the 21st century reveals a spatial redistribution of these flows, driving the northeastern presence into new frontiers, such as the state of Santa Catarina. This article analyzes the characteristics of this migration and its impacts on the daily life of host cities, taking the municipality of Brusque/SC as the object of study. The methodology was based on ethnographic research, utilizing interviews and life histories of both migrants and native residents. The results indicate that the insertion of northerners in Brusque is marked by sociocultural tensions and processes of stigmatization, manifested in the use of the label "baiano" as a category of inferiority. It is concluded that prejudice and racial discrimination operate as defense mechanisms for a local identity idealized around whiteness

and the 19th-century Germanic heritage, invisibilizing the contribution of new migrants and hindering intercultural dialogue within the territory.

Keywords: Internal Migration. Northeasterners. Brusque/SC. Identity. Prejudice.

RESUMEN

Desde mediados del siglo XX, los flujos migratorios del noreste de Brasil hacia el centro-sur se han consolidado como un fenómeno estructurante de la dinámica demográfica nacional, con São Paulo como destino histórico. Sin embargo, a principios del siglo XXI se observa una redistribución espacial de estos flujos, impulsando la presencia nordestina en nuevas áreas, como el estado de Santa Catarina. Este artículo analiza las características de esta migración y sus impactos en la vida cotidiana de las ciudades receptoras, tomando como caso de estudio el municipio de Brusque/SC. La metodología se basó en una investigación etnográfica, utilizando entrevistas e historias de vida de migrantes y residentes nativos. Los resultados indican que la inserción de los nordestinos en Brusque está marcada por tensiones socioculturales y procesos de estigmatización, que se manifiestan en el uso de la etiqueta "bahiano" como categoría de inferioridad. Se concluye que el prejuicio y la discriminación racial operan como mecanismos de defensa de una identidad local idealizada, centrada en la blancura y la herencia germánica del siglo XIX, invisibilizando la contribución de los nuevos migrantes y obstaculizando el diálogo intercultural en el territorio.

Palabras clave: Migración Interna. Noresteños. Brusque/SC. Identidad. Prejuicio.

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios internos podem ser compreendidos como deslocamentos populacionais realizados dentro das fronteiras de um mesmo país. Embora o número total de habitantes do território nacional não se altere, as dinâmicas socioculturais das regiões de origem e destino são profundamente modificadas ao longo desse processo. Nesse sentido, os critérios que norteiam a escolha do destino do migrante perpassam fatores econômicos, políticos, sociais e físicos. O fator econômico apresenta-se como o mais evidente, uma vez que os sujeitos buscam melhores níveis salariais, oportunidades de emprego nos setores industriais e custos de vida e moradia mais acessíveis.

É consabido que o desenvolvimento transforma a estrutura econômica e ocasiona mudanças profundas na organização social. Novas classes emergem enquanto outras, mais antigas, se atrofiam. Sob essa ótica, Singer (1980) aponta que as migrações internas desempenham papel fundamental nessas transformações estruturais, pois a transição de indivíduos entre diferentes classes sociais ocorre, frequentemente, mediante movimentos no espaço físico. Os fluxos migratórios podem, portanto, ser interpretados como fenômenos que implicam não apenas a movimentação espacial, mas também a mobilidade social — ou seja, uma mudança de posição na hierarquia social que é, se não efetiva, ao menos desejada por aqueles que migram.

No contexto brasileiro, a Região Nordeste e, especificamente, o estado da Bahia, historicamente se caracterizam como áreas de intensos fluxos emigratórios. Os estudos de Singer (2002) indicam que as migrações internas no Brasil foram marcadas pelo deslocamento de populações do Nordeste rumo ao Sudeste, intensificando-se durante o processo de industrialização do século XX. Os fatores dessa emigração, analisados por Oliveira e Jannuzzi (2005), incluem a estagnação econômica regional e as diversas manifestações de desigualdade social, com destaque para os elevados índices de desemprego nas áreas urbanas nordestinas.

Complementarmente, Souza (1980) explica que a expansão industrial da cidade de São Paulo atraiu vultosos contingentes populacionais oriundos tanto do meio rural paulista quanto de outros estados brasileiros. As razões desse fluxo em direção à capital paulista residiam na expectativa de progresso econômico, dada a escassez de perspectivas nas áreas rurais de origem.

Até meados da década de 1980, a migração interna brasileira foi pautada pelo êxodo de nordestinos para o Sudeste, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, Cunha (2003) destaca que, em virtude da desconcentração da atividade econômica, a década de 1990 inaugurou um processo de desconcentração populacional. Enquanto algumas metrópoles tradicionais experimentaram uma redução em seus ritmos de crescimento, outras regiões iniciaram processos próprios de metropolização.

Nesse cenário, o século XXI lança um novo olhar sobre as migrações internas, revelando uma redistribuição populacional para outras regiões, com destaque para a Região Sul, especificamente para o estado de Santa Catarina. Atualmente, em cidades como Brusque e Blumenau, a presença de

migrantes nordestinos é perceptível no cotidiano. Atraídos pelas oportunidades de emprego e pela qualidade de vida, muitos indivíduos oriundos do Nordeste estabeleceram-se nessas cidades no início deste século.

Tais migrantes carregam consigo bagagens culturais e marcadores sociais de classe, raça e origem regional (expressos no sotaque, na etnia e nos costumes) que, por vezes, suscitam reações que variam do estranhamento ao preconceito e à discriminação. A população local cultivou uma identidade cultural própria, distinta daquela dos novos migrantes, estabelecendo narrativas que associam a presença dos imigrantes europeus ao desenvolvimento regional. Essa construção discursiva enaltece os imigrantes do passado ao mesmo tempo em que invisibiliza a contribuição dos migrantes recentes para o dinamismo econômico e social da cidade.

Para analisar essas questões, selecionamos o município de Brusque/SC que, no alvorecer deste século, tornou-se destino de fluxos migratórios nordestinos, especialmente baianos. Assim, o presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com migrantes nordestinos residentes em Brusque e com moradores nascidos e criados na cidade. Por meio de uma metodologia etnográfica, baseada em entrevistas e histórias de vida, busca-se analisar os discursos relacionados ao preconceito e à discriminação direcionados a esse fluxo migratório. A investigação valeu-se dos relatos de cinco migrantes nordestinos e de três moradores nativos.

Visando compreender a complexidade das relações socioculturais entre nordestinos e brusquenses, este artigo¹ discute, inicialmente, como o município de Brusque se consolidou sob o estereótipo de uma cultura de matriz alemã. Em um segundo momento, a partir dos dados obtidos no trabalho de campo, procura-se analisar o projeto migratório dos nordestinos e os estranhamentos socioculturais presentes no cotidiano do município neste início de século.

2 BRUSQUE/SC: O IMAGINÁRIO DA CIDADE ALEMÃ

O município de Brusque, localizado na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, figura atualmente como a 12^a maior cidade em população do estado, apresentando um crescimento demográfico expressivo nas últimas décadas. Em 1980, segundo dados do IBGE, o município possuía 41.224 habitantes, saltando para 57.971 em 1991. Em 2010, o Censo registrou uma população de 105.503 habitantes, entretanto, o último censo revelou 141.385 habitantes.

Ao examinar o processo histórico de sua formação sociocultural, revela-se uma localidade fundada e colonizada majoritariamente por imigrantes europeus, em especial alemães. Assis (2013) destaca que o Brasil recebeu, até 1880, cerca de 455 mil imigrantes europeus — prioritariamente trabalhadores rurais da Alemanha e do norte da Itália — que se dirigiram ao Rio Grande do Sul e a

¹ Texto baseado em resultados da dissertação de mestrado do autor(a), defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (UDESC), sob o título “Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos migrantes do século XXI”.

Santa Catarina. Atraídos por políticas de colonização para atuar em colônias agrícolas no Sul, muitos desses imigrantes posteriormente se deslocaram para regiões cafeeiras e centros urbanos como São Paulo.

A Colônia Itajahy, atual município de Brusque, foi fundada em 1860, fruto de uma política pública de imigração do Governo Imperial. Segundo Maffezzolli (2012), tal política integrava um esforço de modernização do país, repercutindo na formação de diversas colônias no Vale do Itajaí, então Província de Santa Catarina. Seyferth (1981) reforça que o povoamento de Brusque iniciou-se com um grupo de imigrantes alemães sob um projeto do governo provincial que visava estabelecer uma colônia agrícola de pequenos proprietários. Durante os primeiros quinze anos, a região recebeu quase exclusivamente colonos teutos procedentes de estados como Baden, Prússia, Baviera e Hesse. Somente a partir de 1875 registrou-se a chegada de imigrantes de outras nacionalidades, como italianos, austriacos, franceses e poloneses, sem que o fluxo germânico fosse interrompido.

A colonização do Sul do Brasil², pautada pelo trabalho livre europeu, demarcou o território e deu origem a uma sociedade culturalmente distinta de outras regiões brasileiras — uma organização social que, por vezes, desconsiderava a presença indígena, a migração interna e os moradores luso-brasileiros já isolados na região. É importante notar que esses imigrantes provinham de diversas regiões germânicas que só viriam a formar a Alemanha unificada em 1871. No entanto, no contexto brasileiro, o imaginário construído em torno de uma "Alemanha idealizada" pelos colonos foi o que consolidou sua identidade étnica como "alemães".

Seyferth (1981) vincula a composição étnica da área às fases do desenvolvimento econômico local. A primeira fase, de colonização agrícola, marca a entrada do maior contingente europeu. Já o início do século XX inaugura a industrialização, período em que parte dos agricultores passou a compor a mão de obra das fábricas de tecidos. O ambiente fabril promoveu o contato estreito entre descendentes de diversas origens, enquanto imigrantes alemães que chegaram após a Primeira Guerra Mundial passaram a ocupar cargos técnicos.

A segunda fase econômica caracterizou-se pela consolidação das indústrias têxteis; a influência alemã era tão acentuada que mesmo descendentes de italianos falavam o idioma alemão. A terceira fase, entre as décadas de 1930 e 1950, testemunhou a rápida progressão industrial, com fábricas dobrando seu número de operários.

Esses fluxos migratórios forjaram as composições culturais da cidade. Seyferth (1981) observa que, desde a fundação das indústrias, criou-se uma estereotipia em torno do "trabalhador alemão" para distingui-lo de outras etnias. O estereótipo do "colono-operário" alemão descrevia um sujeito que

² Segundo Seyferth (2002) a colonização não seguiu, exclusivamente, o princípio civilizatório que exigia imigrantes brancos europeus; tampouco significou uma recusa ao modelo escravista de exploração agrícola. Surgiu de uma lógica geopolítica de povoamento, articulada à ocupação de terras públicas consideradas "vazias" e sem qualquer consideração pela população nativa, classificada como nômade e incivilizada.

dividia seu tempo entre a fábrica e o cuidado com a própria roça e jardim, sempre visando a ascensão social. Em contrapartida, o "brasileiro" (termo usado para designar descendentes de portugueses ou açorianos) era construído como o oposto: aquele que, após o turno, buscava o lazer e o botequim, sendo visto como desprovido de ambição.

Essa dicotomia cristalizou-se em um preconceito enraizado que separa o "nós" (europeus empreendedores) do "outro" (brasileiros que "não se esforçam"). Atualmente, tal estigma é transferido aos migrantes de origem não europeia, como os nordestinos. Para Seyferth, essa suposta dedicação superior ao trabalho seria um efeito do Deutschtum (a "germanidade"), sugerindo, erroneamente, que os brasileiros seriam incapazes de manter o mesmo ritmo produtivo.

A partir das décadas de 1970 e 1980, a expansão do setor têxtil em Brusque e Blumenau atraiu novos fluxos populacionais em busca de melhores perspectivas. Maffezzolli (2015) aponta que o primeiro grande movimento ocorreu na década de 1980 com migrantes do Paraná, seguidos por fluxos do Oeste catarinense, Rio Grande do Sul e São Paulo. Na primeira década do século XXI, iniciou-se o fluxo vindo do Nordeste, especialmente da Bahia.

Embora a diversidade cultural seja evidente no cotidiano, a imagem da cidade permanece atada ao perfil do trabalhador de origem europeia. Curiosamente, os dados do IBGE mostram que a migração nordestina não é numericamente superior à de paranaenses ou gaúchos; contudo, é a única acompanhada por discursos abertamente preconceituosos.

Um episódio emblemático ocorreu em 2013, quando cartas³ anônimas intituladas "Aviso para os baianos" foram distribuídas na cidade. O documento continha ameaças de morte e conteúdos violentos, responsabilizando os nordestinos por problemas urbanos e pela perturbação do sossego. Tal fenômeno assemelha-se ao analisado por Elias e Scotson (2000) em "Os estabelecidos e os outsiders". Os autores demonstram como grupos antigos ("estabelecidos") veem os recém-chegados ("outsiders") como uma ameaça ao seu status e estilo de vida, gerando tensões e exclusão social.

Na referida carta, de autoria anônima, os autores ameaçam explicitamente os migrantes baianos que, sob sua ótica, perturbariam o sossego da população local. O documento, que obteve ampla circulação nas redes sociais, gerou forte polêmica tanto em veículos de comunicação de municípios baianos quanto em mídias de grande visibilidade no estado de Santa Catarina.

O episódio acima descrito guarda semelhanças com o fenômeno analisado por Elias e Scotson (2000) na obra *"Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade"*. Nesse estudo, os autores indicam os diferenciais de integração entre grupos em uma área industrial urbana na Inglaterra, no final da década de 1950. A obra demonstra que as relações entre grupos em situações econômicas semelhantes podem ser marcadas por atritos e tensões

³ Conteúdo da carta "Aviso aos baianos" na íntegra em anexo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html>. Acesso em 23 de março de 2022.

devido à chegada de indivíduos com ideais, costumes e crenças distintos dos padrões estabelecidos naquele círculo social.

Elias e Scotson aprofundam a análise sobre as tensões peculiares entre os "velhos" e os "novos" moradores. Nesse contexto, os recém-chegados são percebidos como uma ameaça — não apenas por uma suposta intenção de perturbação, mas pela introdução de novos comportamentos que levam os residentes antigos a temer que qualquer contato com o grupo de fora possa rebaixar seu próprio *status* social ou macular sua identidade coletiva.

Transpondo essa análise para as migrações recentes no município de Brusque, torna-se possível problematizar que a hostilidade em relação aos migrantes nordestinos não decorre, necessariamente, do volume populacional desse grupo, mas sim de seu modo de vida, sua cultura e sua cor. As diferenças em termos étnico-raciais, de classe e de práticas cotidianas entram em choque direto com as construções imaginárias do "cidadão ideal" brusquense; ou seja, o perfil de migrante que é historicamente desejado e aceito para compor o corpo social da cidade.

Portanto, a problemática em relação aos migrantes nordestinos em Brusque não reside na quantidade populacional, mas no choque entre seu modo de vida e cor e as construções imaginárias locais sobre o "cidadão ideal". O preconceito revela que o migrante desejado pela cidade é aquele que se encaixa no mito da origem europeia, enquanto o nordestino é lido através da lente da alteridade e do estigma.

3 O PROJETO MIGRATÓRIO

A decisão de migrar fundamenta-se, entre outros aspectos, nas expectativas quanto ao que o local de destino pode oferecer em termos de qualidade de vida. Historicamente, a saída expressiva de nordestinos de seus estados de origem é um marco das migrações internas no Brasil. Bosco e Jordão Netto (1967) observam que, a partir da década de 1930, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro — então eixos da industrialização nacional — tornaram-se os principais polos de atração para essa população. Motivados pela busca por melhores condições de existência e pela fuga de períodos de seca severa, migrantes, sobretudo baianos, dirigiram-se em massa para o Sudeste.

Uma migrante natural de Ilhéus (BA), atualmente residente em Brusque, evidencia em seu relato que já possuía informações prévias sobre as potencialidades do município catarinense antes mesmo de se deslocar:

"Já ouvia muito falar de Brusque. Falavam que a cidade era tranquila, que tinha empregos, transportes públicos eficientes e, ainda, na maioria dos casos, o povo comentava que podia morar perto do trabalho. Quando morava em Ilhéus, na Bahia, sempre trabalhei longe de casa."

A escolha por Brusque, conforme demonstra o depoimento, foi pautada por múltiplos fatores voltados à garantia de bem-estar. Essa dinâmica é corroborada por Singer (2002), ao argumentar que

a decisão migratória frequentemente prioriza localidades com elevado grau de urbanização. O autor salienta que tal escolha perpassa motivos subjetivos, como o estilo de vida que o ambiente urbano proporciona e a conveniência de residir próximo ao local de trabalho.

Entretanto, a migração nordestina não é um fenômeno restrito ao século passado; ela persiste e se reconfigura na contemporaneidade, tendo as regiões Sul e Sudeste como destinos preferenciais. Outro migrante baiano residente em Brusque narra que sua trajetória migratória iniciou-se ainda na década de 1980:

"Tenho muitos anos de mundo. Saí da Bahia na década de 1980 e fui para São Paulo. Com 18 anos eu casei e morei por 30 anos na capital paulista. Muitos conhecidos migraram para São Paulo na época."

Embora o estado de São Paulo tenha sido o destino escolhido por "Pedro" para transformar sua realidade, Baeninger (1999) destaca que, entre as décadas de 1970 e 1980, o território paulista experimentou uma redução em seus volumes imigratórios totais. Contudo, São Paulo ainda permanecia como o principal polo de atração populacional do país, especialmente para as populações vindas do Nordeste.

Outro aspecto relevante apontado pelo mesmo entrevistado refere-se à segurança pública e aos baixos índices de criminalidade que Brusque oferece em comparação às metrópoles:

"A violência, o roubo, as drogas, tudo isso é complicado. A gente quer um bom futuro para nossos filhos. São episódios tristes que a gente vê nos grandes centros no dia a dia. Uma cidade mais tranquila, como Brusque, oferece uma qualidade nestes aspectos."

Nessa linha, os estudos de Brito (2006) indicam que as redes sociais desempenham um papel preponderante na disseminação de informações sobre a violência nos grandes centros urbanos. O autor ressalta que fatores negativos, como a precariedade no acesso a serviços públicos básicos e as dificuldades de moradia, comprometem a atratividade das grandes metrópoles, desconstruindo a "ilusão" que outrora motivava os fluxos para essas áreas.

Complementando essa análise, Assis (2003) destaca que os processos migratórios tendem a se autorreproduzir e se intensificar por meio das redes sociais. À medida que os primeiros migrantes se estabelecem e formam comunidades, eles passam a "puxar" novos indivíduos — parentes, amigos e conterrâneos — transferindo novas práticas e vivências culturais para as sociedades de acolhimento e mantendo vivos os vínculos com a terra natal.

4 ESTRANHAMENTOS SOCIOCULTURAIS ENTRE NORDESTINOS E BRUSQUENSES

Ao chegar ao destino, o migrante carrega consigo uma bagagem cultural e hábitos distintos, manifestos na fala, na etnia e nos costumes. Este contato é analisado por Castro (2005, p. 26), que

afirma: “[...] o migrante é um estranho que joga o nativo a se confrontar com seu estranhamento”. Para Vieira (1997), o estranhamento implica um não-reconhecimento da realidade produzida pela própria espécie humana. Um dos traços mais característicos desse processo é a transformação da condição do indivíduo, fazendo com que os sujeitos não se reconheçam naquilo que são ou naquilo que produzem, gerando um distanciamento entre o “eu” e o “outro”.

Ao se instalarem em Brusque, os migrantes deparam-se com modos de vida e normas comunitárias significativamente diferentes. Embora compartilhem a mesma nacionalidade, os nordestinos — e, dentre eles, os baianos, grupo mais representativo nesse fluxo — enfrentam variadas formas de preconceito e discriminação. A imigração nordestina em Brusque, neste início de século, revela que a presença desses sujeitos mobilizou discursos estigmatizantes por parte da comunidade local.

Um migrante natural de Salvador, residente em Brusque há 13 anos, pontua que a cidade permitiu uma melhora em sua qualidade de vida, mas ressalta a persistência do preconceito:

"Brusque é um lugar ótimo para se viver. O único problema é o preconceito, o racismo com o ‘baiano’, o próprio nordestino. O mundo é para todos! Se tem gente ruim na Bahia, tem gente ruim em Santa Catarina, no Paraná, no Rio Grande do Sul. O pessoal tem um jeito de olhar diferente para o baiano, ainda mais quando é negro."

O relato demonstra que a interseccionalidade entre origem regional e raça potencializa a exclusão; o fato de ser negro torna o “olhar diferenciado” ainda mais evidente. Marinelli (2007) define o estigma como uma marca diferenciadora, visível ou não, que dificilmente se apaga. O autor ensina que a marca estigmatizante constitui uma representação social que gera rejeição, fruto de visões estereotipadas que desumanizam o sujeito.

Nota-se que, em muitos casos, a discriminação racial precede o estigma regional. O nordestino negro é lido como um “obstáculo” nas interações sociais locais, sendo alvo de estereótipos de inferioridade. Marinelli (2007) reforça que rótulos degradantes são criados para classificar indivíduos e grupos mesmo sem qualquer informação real sobre eles, servindo apenas para manter distâncias sociais.

Essa discriminação manifesta-se em diversas esferas: no ambiente laboral, nos espaços públicos e nas redes sociais. Uma migrante baiana relata que, embora hoje mantenha relações afetivas na cidade, enfrentou episódios traumáticos em sua chegada, há 15 anos:

"Foi bem difícil o processo de fixação aqui na cidade. No primeiro emprego eu era auxiliar de limpeza em uma padaria. As colegas de trabalho faziam comentários de que eu era uma ‘tartaruga’. Os olhares já soavam estranhos, até porque sou negra. Até esgoto fizeram eu limpar no trabalho."

O uso de termos pejorativos como “tartaruga” e a imposição de tarefas degradantes, como a limpeza de esgoto, ilustra como o estranhamento é convertido em práticas de humilhação e subalternidade, reforçando a hierarquia entre o “nativo” e o “estranho”.

É notório, na descrição da migrante, o peso do preconceito enfrentado ao chegar a Brusque, evidenciando que o processo de fixação para o migrante nordestino é perpassado por hostilidades.

O geógrafo Milton Santos (1987) ensina que o espaço não deve ser compreendido como uma estrutura passiva de aceitação ou enquadramento, mas sim como uma estrutura social ativa. Para o autor, o valor do indivíduo — assim como o do capital — depende intrinsecamente de sua localização no espaço:

“[...] Indivíduos que disponham de uma soma de capital, formação cultural e capacidade física equivalente, ocupados num mesmo tipo de atividade [...] são, sem embargo, dotados de possibilidades efetivas sensivelmente desiguais conforme os diferentes pontos do espaço em que se localizem.” (SANTOS, 1987).

Santos deixa claro que as possibilidades de existência e ascensão em determinado território dependem da posição que o sujeito ocupa nele. No caso dos migrantes, somam-se a isso aspectos culturais e econômicos que variam conforme as particularidades de cada lugar. No depoimento da migrante citado anteriormente, observa-se que sua condição de nordestina e negra resultou em um tratamento diferenciado e subalternizado no ambiente de trabalho.

Nesse sentido, Novaes (2006) ressalta que gênero e raça são fatores determinantes. Embora o crescimento do setor de serviços e do emprego doméstico possa absorver mulheres pobres, estas auferem rendimentos inferiores aos dos homens em postos equivalentes. A autora enfatiza ainda a exigência da “boa aparência” nos processos de seleção, um código social que frequentemente exclui jovens pobres e, de maneira mais incisiva, a juventude negra.

A percepção desse fenômeno não é restrita aos migrantes; ela é compartilhada por moradores nativos de Brusque. Um residente nascido e criado na cidade, hoje com 74 anos, relata perceber o preconceito em diversos segmentos do cotidiano:

“Ouço muitos comentários preconceituosos. Até donos de empresas argumentam que não gostam de contratar ‘baianos’. Comentam que são devagar no trabalho e faltam às vezes. Hoje, esse preconceito é visível nas lanchonetes, no supermercado, entre outros lugares de circulação.”

O relato confirma que o estigma está entranhado no dia a dia do município. O migrante portador de uma cultura distinta e, sobretudo, de fenótipo negro, torna-se o alvo preferencial desses discursos. Outra moradora brusquense, de 39 anos, compartilhou um episódio de discriminação sofrido por sua filha, que, embora não seja migrante, é negra:

"O que vem em primeira instância é que, se a pessoa é negra, já sofre uma rejeição. Minha filha é brusquense, porém é negra. Ela tem 15 anos e já sofreu bullying na escola. Quando criança, ela sofria muito com os comentários. Então, migrante ou não, ser negro já é uma triste desvantagem."

O racismo exposto nesse episódio é uma constante na estrutura social brasileira. Seyferth (1995) aponta que termos como "negro", "preto", "crioulo" e "baiano" adquirem, em diversas situações sociais, um caráter depreciativo e discriminatório. Segundo a autora, existem hierarquias de classificação baseadas na ideia de raça que funcionam como desqualificadores sociais, utilizando critérios que vão da cor da pele à textura do cabelo.

Nesse contexto, o termo "baiano" opera como uma categoria de inferioridade e um estigma que acompanha o migrante nordestino, independentemente de seu estado de origem. A moradora brusquense reforça como esse rótulo é mobilizado no discurso comum:

"Existem comentários de que o 'baiano' é preguiçoso e malandro. Dizem também que ele veio tirar o emprego do brusquense. Mas, se o brusquense não quer o trabalho pesado, quem vai fazer? A mão de obra 'baiana' supre essa demanda."

Seyferth (1995) observa que a atribuição do termo "baiano" aos nordestinos constitui uma categoria particularizada que remete diretamente à questão racial. O "baiano" é construído sistematicamente como um sinônimo de "negro" ou "estrangeiro", sendo a cor da pele o principal critério dessa classificação excluente.

Até hoje, a cultura do "outro" é lida como "estranha", estranhamento que se acentua quando o sujeito é negro. Outro morador nativo expressa sua análise sobre as diferenças culturais entre os grupos:

"O 'baiano' é calmo, educado e fácil de fazer amizade. A gente percebe que ele se diverte bastante. Já o brusquense tem uma interferência da cultura alemã que desconsidera o negro. O brusquense quer trabalhar, trabalhar e trabalhar..."

De acordo com Seyferth (1981), Brusque constituiu sua identidade sob critérios apropriados de uma idealização da cultura alemã, o que consolidou um componente étnico que ainda hoje impõe distinções sociais. Maffezzolli (2015) complementa que o grupo de matriz germânica buscou manter-se homogêneo por longo período, mesmo coexistindo com outras etnias. Em suma, a história da colonização e a dinâmica das migrações internas são chaves fundamentais para compreender as identidades em conflito na Brusque contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender as modificações que vêm ocorrendo no perfil sociodemográfico do Município por meio de relações sociais entre nordestinos e brusquenses no início

do século XXI. Através dos relatos de migrantes da região Nordeste e, também, moradores nascidos e criados em Brusque, a pesquisa permitiu compreender que o Município de Brusque, nas últimas décadas, tem presenciado novos hábitos e novas culturas em seu cotidiano.

No Brasil, os movimentos migratórios internos no século XX descrevem a realidade sociocultural atual em Brusque, no que diz respeito à urbanização, desenvolvimento local e os fluxos migratórios. O êxodo nordestino, que teve sua expressiva migração a partir da década de 1950, envolve marcadores sociais e econômicos por todo território brasileiro. As migrações, vista como deslocamentos populacionais motivadas por diversos fatores, mostra a dinâmica do êxodo nordestino resultante de aspectos econômicos, sociais e naturais. Assim, em busca de oportunidades de trabalho e, também, fugindo da seca, por exemplo, muitos nordestinos realizaram, e ainda realizam, projetos migratórios por todas as regiões brasileiras.

Contudo, o local de destino para muitos imigrantes nordestinos foi mais evidente nas regiões sul e sudeste no Brasil. No caso do estado de Santa Catarina (localizado na região sul do Brasil), mais precisamente no município de Brusque, o início do século foi marcado por uma imigração nordestina entrelaçada por estranhamentos culturais.

O Município de Brusque constrói sua identidade a partir das narrativas da imigração europeia, mesmo tendo recebido outros grupos de imigrantes ao longo do século XX. Essas narrativas encobrem outras experiências que também constituem e fizeram crescer a cidade, ou seja, desde a década de 1960 outros grupos imigrantes chegaram a cidade, mas são invisibilizados na história de um município que enfatiza ainda hoje as raízes alemãs. Com a chegada dos nordestinos, essa migração que ficava invisibilizada, ou subsumida nos discursos do migrante trabalhador descendente de europeu, se defronta com migrantes não brancos, com outra bagagem, outros modos de vida que colocam em questão essa auto-imagem de cidade europeia e sua branquitude. Deste modo, os brusquenses se deparam como modos de vida e com culturas distintas em seu território.

A chegada de imigrantes nordestinos altera o perfil da população, sendo assim, a cidade passou e ainda passa por modificações no seu perfil sociodemográfico, por meio de marcadores sociais de classe, raça e origem regional. Os ‘novos’ migrantes deste século, neste caso os nordestinos ou chamados de ‘baianos’, trazem consigo uma identidade que, através de relações com moradores locais, são sujeitos a estigmas e estranhamentos pejorativos ao seu modo de vida.

Os discursos dos migrantes nordestinos, no decorrer do artigo, permitiram compreender que existem motivações e impactos diversos na decisão de migrar, tanto para aqueles que partiram, quanto para os que ficaram, tanto na cidade de origem quanto na cidade de destino. Neste caso, além da própria perspectiva da migração e, até mesmo do projeto migratório que em muitos casos pode gerar uma insegurança, soma-se o fator da discriminação. Os hábitos, costumes e até a mesmo a cor do sujeito,

levou um estranhamento a ponto de criar um estigma pejorativo: o “baiano”. Termo que atualmente rotula o indivíduo com um ser inferior perante aos outros grupos.

Sobretudo, vale ressaltar que a migração em Brusque é uma demanda da economia do próprio município. O sistema econômico lá existente precisa de um fluxo contínuo de mão de obra migrante para se manter e se expandir. Se a migração ocorre em Brusque é também porque o sistema econômico dela necessita. Ela é necessária à transformação da economia e, também, da própria sociedade, pois a convivência com a diversidade abre caminhos para a uma melhor compreensão que a terra de oportunidades são para todos.

Sendo assim, o espaço se torna um bom lugar para analisar como se dá o processo de encontro e diálogo intercultural entre os estabelecidos na cidade e os outsiders, para recorrer a um termo de Norbert Elias, que nos parece interessante para pensar a relação que se constrói entre brusquenses e os nordestinos recém chegados.

O desafio que o presente artigo coloca é a necessidade de diálogo intercultural que possibilite aos estabelecidos, descendentes de imigrantes que chegaram no século XIX, ou na segunda metade do século XX, estejam dispostos ao diálogo intercultural com os migrantes vindos de outras regiões do país, principalmente do Norte e Nordeste. Posto isto, a ponto de desconstruir estereótipos e preconceitos a fim de contribuir para que Brusque se torne uma cidade mais multiétnica e menos preconceituosa em relação ao “outro”, principalmente quando este for “não branco”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Migrantes no passado e no presente**. In: Almeida, Heloisa Buarque de e Szwako, José. (Org.). Local, Global. 1ed. São Paulo: Berlindis&Vertecchia, 2013, v. , p. 90-124.

ASSIS, Gláucia de O. **“De Criciúma para o mundo os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares”**. MARTES, Ana Cristina B. & Fleischer, Soraya (Org.). Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo, Paz e Terra, 2003, p. 199-230.

BAENINGER, Rosana. **Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes. Brasil, 1980-1996**. Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, 1999.

BOSCO, Sérgio; JORDÃO NETO, André. **Migrações**: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

BRITO, Fausto. **Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza**. Revista Perspectiva, São Paulo: Fundação Seade, jan. 2006.

CASTRO, Mary Garcia. **Estranhamentos e identidades: direitos humanos, cidadania e o sujeito migrantes - representações em textos diversos**. R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 22 n.1, p.5-28, jan/jun.2005

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

IBGE CIDADES. **Brusque**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

MAFFEZZOLLI, Graziela. Imigrações e diversidade: elementos da formação sociocultural na Colônia Itajaí. In: NIEBUHR, Marlus (Org.). **Brusque 150 anos: tecendo uma história de coragem**. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012.

MARINELLI, Edson Bastos. **A saga do migrante nordestino em São Paulo**. Revista Educação, 2 (1). São Paulo, 2007.

MARTINE, G. **As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica**, in ABEP, IUSSP, CELADE – História e População. Fundação SEADE, São Paulo, 1990.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino**. São Paulo Perspec. Vol 19, nº4, São Paulo, Oct/Dec. 2005.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (2001-2006 e 2004-2009). **Microdados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010

POPULAÇÃO ESTIMADA. **Estimativas da população.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discionário dos esteriótipos.** Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SINGER, Paul. Economia política da urbanização. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SINGER, Paul. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). **Migração interna: textos selecionados.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. – Bnb. Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – Etene, 1980. p. 211-245.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização.** Rio de Janeiro: ABDR, 1997.

ANEXO A – CARTA “AVISO PARA OS BAIANOS”

Figura 1

AVISO PARA OS BAIANOS

Nossa Brusque deixou de ser uma cidade boa para viver, nos últimos 5 anos foi invadida por imigrantes de outros estados, principalmente da Bahia das cidades de Itabuna, Ilhéus Buerarema etc.

Sabemos que todos tem o direito de ir em busca de uma vida melhor, mas sabemos também que quem chega numa nova cidade, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local. Os mais sensatos respeitam e são bem sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades, afinal TODOS PRECISAM DE AMIGOS.

Infelizmente junto com os bons vem também os ruins (não civilizados, ignorantes mesmo), que são a maioria e estão incomodando a vida dos moradores locais fazendo um INFERNO como: Ouvir música em alto volume, tanto nos carros como em casa mesmo e em qualquer hora, falam muito alto e os vizinhos são obrigados a suportarem isso, se alguém reclama eles ficam bravos, se alguém chama a polícia, ao verem a viatura da PM baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora, voltam a fazer bagunça.

~~Brusque é uma cidade de povo ordeiro, trabalhador e honesto e NÃO MERECEMOS ISSO.~~
Em muitos casos que foram registrados BO (boletim de ocorrência) não deu em nada, então vamos fazer justiça com nossas mãos, ESTAMOS CANSADOS E REVOLTADOS.

Desde o mês de março deste ano formamos um grupo com 28 pessoas, somos cidadãos trabalhadores, honestos e honrados, estamos bem preparados, resolvemos dar um BASTA nessa situação nosso grupo é discreto e bem estruturado. Estamos publicando este AVISO para depois não reclamarem do pior que vai acontecer, estamos dando uma chance de mudarem de comportamento.

Moro em Águas Claras há 26 anos, tenho filhos que moram em outros bairros, e também estão sofrendo. Não vamos nos mudar por causa desses desordeiros:

Fizemos um levantamento nos bairros: Águas claras, Azambuja, Sta. Terezinha, Nova Brasília, 1º de maio, Bateias e Steffen, constatamos que é absurdo, inaceitável o que acontece nos bairros, alem do barulho, até trafegam contramão com carros e motos em alta velocidade e alguns com a descarga aberta (sem o silencioso), na Bateia por exemplo teve várias discussões por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO entre vizinho local e baiano e os baianos se juntaram para agredir o que estava certo. No Azambuja uma senhora de 62 anos tem que tomar remédio para dormir e calmante durante o dia.

No Steffen teve também discussão por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO e os baianos armados com faca quiseram ter razão, e disseram o seguinte: “Essa rua é nossa é nós que manda aqui é pronto, os incomodados que vão embora, pagamos aluguel e podemos fazer o que quiser a qualquer hora”.

Durante esses 8 meses de levantamento, já temos as placas dos carros que são 34, e motos são 22, temos também a foto desses desordeiros.

Fiquei feliz ao comentar com 2 policiais sobre essa carta (antes de ser publicada) para saber a opinião deles e os 2 disseram assim: “Finalmente acordaram, é bom mesmo que alguém faça alguma coisa para acabar com esses alienígenas” porque 90% dos casos envolvem baianos. “Não diga à ninguém nosso nome” - eu disse tudo bem.

BAIANOS, vocês conseguiram deixar o povo revoltado, TOMEM CUIDADO e tratem de mudar de comportamento URGENTE. VAMOS ELIMINAR VOCÊS, ISSO MESMO, VAMOS MATAR OS RUINS e acabar com essas pragas.

Nosso grupo, composto por 28 cidadãos, onde 11 estão ansiosos para começar a matança, nem queríamos publicar esse aviso, porém, a maioria decidiu avisar antes.

Nossa Brusque será de novo uma cidade boa para viver, CUSTE O QUE CUSTAR.

Fonte: G1 (SC) 2013.